

Narcisismo no vínculo de casal Narcissism in couple bond

Mara Luiza Dalanhól da Silva 1

Resumo: O futuro libidinal, objetal e narcisista de um indivíduo é definido, no início de sua vida de relação com o outro. Quando esta pessoa busca um par amoroso, tenta recriar, mesmo que ilusoriamente, aquele primeiro momento em sua vida, através do enamoramento. O casal com funcionamento narcisista tenta congelar este momento, vivendo como se gêmeos fossem, evitando novidades, como os filhos. A análise vincular, com a presença do terapeuta triangulando a relação, pode fazer emergir as diferenças que tentam esconder.

Palavras-chaves: narcisismo, vínculo narcisista, relação de casal, análise de casal.

Abstract: The future libidinal and narcissistic objectal of an individual is defined early in his life related to the other. When this person seeking a loving couple, try to recreate, even if illusory, that the first time in his life, by falling in love. A couple with narcissistic functioning, attempts to freeze this moment, living as if they were twins, avoiding news, as the children. The link analysis, the presence of the therapist, triangulating the relationship, you can bring out the differences that try to hide.

Keywords: narcissism, narcissistic bond, couple relationship, analysis of couple.

1. Psicóloga, psicoterapeuta. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela PUC/RS e em Psicanálise das Configurações Vinculares pelo Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade (ICPT), onde é membro do corpo docente. Endereço para correspondência: Avenida Plínio Brasil Milano, 143/307 – Auxiliadora – POA/RS. CEP:90.520-002. Telefone: (51) 33887346 e E-mail: maraluizasilva@hotmail.com

Este trabalho se propõe a abordar aspectos teóricos e clínicos sobre a relação de casal com funcionamento predominantemente narcisista. O estudo e sua realização foram motivados pela vivência clínica no ambulatório do Contemporâneo. A apresentação do material é feita em dois momentos. Primeiro são abordados aspectos teóricos de narcisismo, enamoramento, relação de casal com funcionamento gemelar, papel do terceiro neste tipo de vínculo. Após, são feitas a apresentação do caso clínico e sua discussão, de forma a integrar aspectos teóricos e práticos.

Sobre o Narcisismo

Pensar o narcisismo se faz necessário, pois ele é estruturante na vida do indivíduo. A forma como o indivíduo vivencia esta etapa de seu desenvolvimento reflete em sua vida futura, determinando sua capacidade para criar, estar só, vincular-se a outro para amar.

Conforme Grunberger (apud Dessuant, 1992, p. 71):

O feto é um parasita a quem tudo é dado gratuitamente: tudo lhe é devido e nada deve ser-lhe adiado, sob pena de comprometer sua própria existência. É a mãe que o tem em seu ventre que se encarrega de sua regulação instintual. Podemos facilmente imaginar que este estado é vivido inconscientemente pelo feto no modo da elação e que, ao se tornar homem, guardará o traço sob a forma de certos mitos coletivos exprimindo a nostalgia do país da abundância, da idade do ouro, do paraíso perdido.

Após o nascimento, o estado de elação, referido por Grunberger, mantém-se para o bebê, através do dormir, o qual assim busca a homeostase narcísica. Ao ultrapassar este estágio, o bebê pode confirmar, narcisicamente ou não, através das atitudes de sua mãe, que ele é alguém de valor, estimado e amado.

Para Freud (1914), o narcisismo primário está relacionado à etapa mais precoce da economia energética do bebê, na qual toda a libido está investida no self. As catexias objetais ainda não se desenvolveram, assim como o momento em que o bebê passa a incorporar os investimentos objetais é considerado como narcisismo secundário.

De acordo com Jacobsen (apud Stolorow; Lachmann, 1983, p. 29): “Na mais primitiva etapa infantil, o *self* e o mundo objetal são indiferenciadas, o

recém-nascido não é capaz de discriminar entre suas próprias sensações e os objetos das quais derivam”.

Segundo Stolorow e Lachmann (1983), as primitivas relações objetais do bebê servem para uma função basicamente narcísica, consolidando a representação rudimentar do *self*.

Conforme Ganzo (1988), quando a criança é considerada por todos e também por si mesma o objeto mais importante do mundo, nada mais natural e consequente que toda a sua atenção, toda a sua libido, todos os seus desejos, enfim, todo o seu amor sejam dirigidos para si própria. Com o decorrer do tempo, a mesma criança, antes absoluta em seu meio, passa a sofrer restrições, imposições e exigências à sua conduta e ao seu modo de ser. O que antes era motivo de aplauso agora é de sanção. Nesse momento, a criança passa necessariamente a reconhecer o outro e, nele, o objeto frustrador ou gratificador.

Dessuant (1992) diz que, à medida que uma nova realidade se apresenta na vida da criança, sua megalomania se enfraquece. Ela passa a dirigir sua atenção mais para os objetos externos e, com isto, passa a vivenciar limitações psíquicas e físicas, percebendo que não basta a si mesma para satisfazer seu amor próprio. Entretanto, parte de sua libido mantém-se no ego. Em condições normais, a libido retida no ego deve buscar algo fora dele, deve buscar, fora de si, um ego ideal, através de projeções do narcisismo sobre os pais e outras pessoas que a cercam.

O ideal de ego escolhido lhe serve de modelo, sofrendo, o narcisismo alterações, tanto quantitativa como qualitativamente. A megalomania não desaparece, mas se desloca em sua conversão em ideal de ego.

A criança, cujas necessidades seriam imediatamente satisfeitas por uma mãe que antecipa seus desejos sem lhe deixar tempo de elaborá-los, correria o risco de confirmar uma megalomania primária difícil de ser abandonada. Inversamente, a ausência frustrante de resposta a seus desejos poderia conduzir a criança a edificar um ideal de ego inacessível e responsável, futuramente, por um sentimento de inferioridade; neste caso a megalomania do ego desmoronar-se-ia em proveito de um ideal de ego megalomaníaco, que aponta a insuficiência e incapacidade do ego, preparando desta forma as depressões de inferioridade (Dessuant, 1992, p. 35).

Gomel (1991) faz distinção entre ego ideal e ideal de ego, referindo que, ao se falar de ego ideal, se está referindo uma imagem de perfeição

narcisista, em que, nas relações, há o predomínio da ideia de incondicionalidade, cuja busca narcísica é de uma relação sem fissuras. No que tange ao ideal de ego, abre-se um espaço entre o eu e o ideal. É justo em relação ao que falta ao eu que se dá a busca, marcando a diferença entre presente e futuro, na qual se introduz a possibilidade de um projeto.

O Enamoramento

O futuro libidinal, objetual e narcisista de um indivíduo é definido pela relação primeira entre a mãe e seu bebê. Os registros que ficam deste encontro são determinantes na vida do sujeito, norteando suas escolhas futuras. Muitas vezes são reeditadas sensações de prazer e desprazer, que o levam a percorrer um ou outro caminho e, na vida afetiva, a buscar uma ou outra pessoa como par, sendo eleita aquela que propicie, mesmo que ilusoriamente, o reviver daquele momento primeiro, único e tão particular. A este reviver denomina-se enamoramento.

Conforme Brengio e Spivacow (1997), está manifesto no discurso das pessoas e reforçado na literatura o lamento pela brevidade do enamoramento. Fato reconhecido e aceito, mas que, inconscientemente, se busca evitar, parecendo haver aspiração generalizada de instituí-lo como um estado que pode ser sustentado sem modificações. Amor e enamoramento são dois estados parecidos, mas não idênticos, pois se o amor pode ser estável e duradouro o enamoramento é, por natureza, passageiro.

Segundo os citados autores, chama-se de amor um processo que inclui um trabalho psíquico, o qual envolve elaboração do processo secundário, ou seja, de prazer postergado. O amor admite um espaço para o desencontro, supõe a aceitação entre dois seres da distância e da não coincidência, bem como da não possessividade, renunciando assim a funcionamentos narcisistas mais arcaicos.

Sobre os vínculos, Brengio e Spivacow (1997), esclarecem que, os vínculos têm características distintas. Alguns podem querer reconstruir o andrógino, ser um, sem fissuras, ou os que menos ou mais incluem as diferenças e suas expressões. Desta forma, se têm tipos vinculares diferenciados.

Os mesmos autores expõem alguns modos arquetípicos de enamoramentos, observados a partir de suas experiências clínicas: enamoramento do tipo eu ideal; enamoramento do ideal de eu; enamoramento da instituição.

No enamoramento do tipo eu ideal, os casais mantêm uma vivência de ‘plenitude oceânica’, fusional, na qual é desmentida toda a instituição de distância e separação. Apresenta-se aqui uma dupla narcisisticamente compacta e sem fissuras. O vínculo constitui-se em um só plano, completo e uníssimo, desaparecendo a heterogeneidade, as dimensões múltiplas e desconhecidas do objeto. Não há perguntas sobre o futuro, sobre o projeto de vínculo, sendo dada por conhecida a história e o passado do objeto. Predominam formas de funcionamento narcisísticas, não mediadas pela castração simbólica, nas quais não há falta, nas quais o vínculo é o ideal. Este tipo constitui-se em uma aspiração universal, a tão sonhada completude, em que nada é exigido em troca, nem mesmo trabalho psíquico. O desejo é de encontrar o outro não castrado, perfeito, que venha a realizar as velhas aspirações infantis.

No enamoramento do tipo ideal de eu, há, na vivência fusional, registro de separação e diferença entre os amantes. Neste tipo de vínculo, é possível fazer projetos, privilegiar o conhecer-se, interrogar-se, aceitando a alteridade. O funcionamento narcisista aparece mediado pela castração. Mesmo a dupla apresentando-se idealizada e magnífica, há algo de não tão perfeito, nem absoluto, existindo uma distância que separa o casal. Pode esta dupla colocar-se em um vínculo estável.

No enamoramento da instituição, existe fidelidade aos enunciados identificatórios das famílias de origem, que aportam regras e normas de união. São casais indissolúveis, nos quais desavenças e conflitos não desmancham o projeto institucional, porém deterioram o intercâmbio afetivo.

Para o casal que vive a experiência do enamoramento e consegue sobreviver aos desencantos do desenamoramento, abre-se uma nova possibilidade de encontro.

Conforme Brengio e Spivacow (1997), este novo modo de encontro é caracterizado de diferenciação desejante, na qual cada ser aparece como diferente e, mesmo assim, sustentam as investidas desejantes. Há, portanto,

uma lógica espiral interna - enamoramento, desenamoramento, diferenciação desejante - incluídos os conflitos, as diferenças, é possível investir no futuro e não apenas no presente atemporal.

Casal com Funcionamento Predominantemente Narcisista

Para alguns casais, fracassam as elaborações que viabilizariam a superação do desenamoramento e a estabilização da diferenciação desejante, podendo se estabelecer um tipo de vínculo com predomínio da alienação, em que buscam que um eu seja pensado pelo outro.

Conforme Stolorow e Lachmann (1983), padrões narcísicos funcionam para manter a representação do *self*, ou seja, a pessoa total de um indivíduo, incluindo seu corpo e as partes de seu corpo, assim como sua organização psíquica e suas partes. Desta forma, relações objetais narcísicas podem ser compreendidas como esforços regressivos para manter a identidade mediante o espelhamento no objeto, visando estabilizar e reforçar uma representação precária do *self*, também uma forma de regular a autoestima.

Puget e Berenstein (1993) dão o nome de vínculo adesivo ou narcisista dual à modalidade vincular, na qual predominam fantasias e emoções relacionadas ao medo de ficar só, mediante a ameaça de separação ou perda do outro. Este vínculo serve como defesa, pois toda separação é sentida como falta de contato, inexistência, ficando o sujeito a mercê de um mundo interno hostil ou deteriorado. As censuras ou outras atuações têm, nesta modalidade, o objetivo de manter o vínculo adesivo.

Os mesmos autores definem tipos diferentes de união de casal e dão a estes o nome de estrutura. No caso da união com funcionamento predominantemente narcisista, o casal se enquadra, pelo menos de forma mais ampla, na estrutura 1: dual, em que o vínculo estabelecido é de fusão, com predomínio da idealização mútua. Nesta estrutura, encontra-se o tipo de funcionamento chamado ‘gemelaridade erotizada’, na qual o casal se relaciona sendo um só. O vínculo mantém-se pela idealização, numa fusão imaginária, procurando perpetuar o estado de enamoramento, recusando as particularidades de cada um. O desejo é de um ser a imagem especular do outro, daí derivando a denominação gêmeos. O olhar nesta relação é destacado, tendo a função de detectar e descartar o que o outro possa ter de

diferente, procurando manter ilusoriamente o que é percebido como semelhante ao ego. A comunicação é pobre, ficando a antecipação e a adivinhação como formas de entendimento. Faz-se desnecessária a linguagem, bem como os acordos conscientes. O pacto inconsciente dá conta de que o melhor é um ser acompanhante do outro, bem como tudo o que for diferente pode ser perturbador e, portanto, deve ficar de fora. Os projetos vitais são limitados para estes casais, por temerem que algo a mais, diferente, venha a confundi-los. Puget e Berenstein (1993, p.8), referindo-se ao projeto vital compartilhado, dizem que: “O casal requer um enquadramento, uma dada estabilidade para poder suportar a concretização do projeto, a crise e a renovação ou a reformulação de um novo”.

Quando o projeto inclui a transformação de um espaço virtual em outro, com a possibilidade de entrada de um terceiro, como um filho, podem surgir angústias catastróficas, pois fica ameaçado o pacto de manter o vínculo sempre igual. O terceiro viria a contradizer as convicções do casal, que não consegue abrir para ele um lugar mental, nem vincular. A monogamia é mantida, ficando um como sendo um só com o outro. Quando algo real se interpõe nesta relação, podem ocorrer perturbações graves, crises e até mesmo rupturas.

Segundo os autores, dentro desta mesma estrutura, pode ocorrer outro tipo de gemelaridade, cujo signo permanente é a frustração, imperando as censuras eternas. Apoiada em tanatos, ela recebe o nome de ‘gemelaridade tanática’. Aqui se mantém a fusão, a dependência máxima, embora geradoras de mal estar. Procuram se manter ligados ao objeto imaginado, tentando afastar tudo o que frustre a ideia de possuí-lo. Apesar das críticas e do desprezo, não podem ficar separados, como se cada um dos egos estivesse incompleto, mantendo assim uma relação adesiva, tornando a autonomia inconcebível. Esta relação, que fica como um enamoramento com marca no negativo, parece ser suportada porque ambos os egos são daqueles que mais suportam frustrações, compreendendo seu significado e precisando disto para encontrar estabilidade interna em si e no outro. Nesta relação, o compartilhar é persecutório, impera uma urgência compulsiva de denunciar aquilo que o outro tem de diferente do objeto imaginado. A monogamia é respeitada, ocorrendo eventualmente a fantasia de realizar uma relação com o objeto

imaginado ou outro qualquer, sendo ela protetora de uma vivência de desamparo. Caso surja um projeto, como o de um filho, este deve ser mais uma imposição social do que uma criação vincular. Este terceiro pode ser gerador de fortes angústias para o casal e, como filho, ficar de observador externo, impotente diante de um vínculo impenetrável.

O Terceiro

Nas duas situações de vínculos, tanto na gemelar erotizada quanto na gemelar tanática, ficam os pares presos a uma relação na qual não há espaço para o novo, em que as diferenças precisam ser anuladas. Isto torna possível compreender a falta de espaço para um terceiro, no caso, um filho.

Conforme Parral (2001), referindo-se à importância do filho ter um lugar antes de nascer, o ponto de partida de toda pessoa é anterior à chegada ao mundo, pois, para conectar-se à vida, é necessário que encontre tanto um lugar onde se alojar como o desejo dos pais.

Puget e Berenstein (1993) observam como seria recebido este terceiro, pelo casal cujo funcionamento é predominantemente narcisista. Para os autores, a sociedade pode impor ao casal a geração de um filho, porém é possível que este mandato cultural leve a níveis intoleráveis de angústia e ao surgimento de sentimentos persecutórios. Para evitar tais sentimentos, o casal pode ficar em eterno enamoramento, procurando imobilizar o tempo. Como estes casais costumam viver situações de conflito, na busca de evitar a autonomia e a independização do outro, bem como de anular as diferenças, o filho pode ficar como espectador, impotente frente a um vínculo impenetrável e fundido. Estes casais, diante das mudanças permanentes e inevitáveis do filho, em função de seu crescimento, são obrigados a encarar novas propostas e modificações estruturais. No entanto, buscando evitar o conflito, o filho pode sofrer transformações fora da estrutura vincular. Para tais casais, os projetos de vida nem sempre são idênticos, muitas vezes, acontecem com a imposição e a submissão de um ou outro membro do casal, transformando-se em projetos individuais, podendo o filho cair na mesma categoria, sendo registrado como o filho de cada um.

Caso Clínico

Segue o relato de uma psicoterapia de casal, estando ele em atendimento há cerca de 9 meses.

N., a esposa com 28 anos e B., o marido com 29 anos, namoraram nove anos antes de casarem. O namoro iniciou em data significativa, dia 12 de junho, Dia dos Namorados. O casamento também ocorreu no mês de junho. O primeiro ano de casados foi festejado junto com a comemoração do Dia dos Namorados.

Eles resolveram casar, contrariando a combinação primeira de que para tal, um deles teria de estar muito bem de vida. Naquele momento, N. morava com sua irmã. B. morava sozinho e precisava entregar o apartamento que alugava. N. decidiu então lançar mão de uma poupança que fazia para comprar um carro e, com este dinheiro, dar a entrada para a compra de um apartamento. Com o dinheiro que B. pagaria de aluguel, ele passou a pagar a prestação do apartamento. Uma combinação que se manterá até B. igualar a quantia investida por N.

A cerimônia de casamento foi simples, apenas no civil. N. preferiu não entrar como noiva em uma igreja do interior, onde residem seus pais, pois, segundo ela, “não gostaria de ser o centro das atenções”.

Com cinco meses de casados, decidiram procurar auxílio terapêutico. A procura de atendimento foi motivada pelas brigas constantes, já existentes antes do casamento, mas intensificadas depois. Eles referem dificuldades de resolver pontos de vista diferentes, falta de flexibilidade, não conseguirem expressar o que sentem sem humilhar um ao outro. N. tem se aborrecido com os horários de trabalho do marido, ficando muito angustiada quando ele não chega nos horários combinados, passando a ter a sensação de que não casou. N. queixa-se ainda de que B. havia prometido, antes de casar, que reduziria o ritmo de trabalho e que teria uma rotina de horários mais definida. Mencionam também que o ritmo de cada um é diferente e que isto acaba gerando estresse na relação dos dois.

O cotidiano do casal é diferenciado nos dias úteis e nos fins de semana. Para N., a semana costuma ser entediante, ela refere que “nada acontece de novo”. O sábado e o domingo lhe são prazerosos, até a noite de domingo, quando então começa a vir um desânimo pelo início da semana que se aproxima. Para movimentar a semana, N. está sempre atenta a algum

espetáculo, cinema ou atividade diferente. B. gosta de assistir TV, quando chega em casa, programação que N. considera inútil. Muitas vezes então, ela vai deitar cedo, “não para dormir, mas para sonhar acordada”. São momentos em que fica imaginando coisas boas que podem lhe acontecer.

As atividades domésticas são compartilhadas. N. é mais preocupada em manter a ordem, fazendo muitas reclamações quanto à conduta de B., por exemplo, deixar luzes acesas quando sai de casa, portas de armários abertas, não tirar a roupa que estava de molho na máquina de lavar. N. entende que B. é “descuidado com suas coisas e parece não se importar com as coisas da casa”.

N. refere ser muito difícil para ela ficar em casa sem fazer nada, ficar em casa sozinha, sentindo falta de gente à sua volta. Os reencontros no dia a dia, após uma jornada de trabalho, são vividos por N. com certa dificuldade, “parece que na separação algo se desliga”.

A comunicação do casal é pobre. N. diz ser de um jeito mais fechado e que B. é mais comunicativo, “principalmente fora de casa”. B. confirma este jeito mais reservado de N., diz que, no dia a dia, procura “imaginar” o que se passa com ela, observa quando ela chega do trabalho, se vai logo largar a bolsa, lavar as mãos, se está mais silenciosa ou falante. Desta forma “deduz” se algo se passou, se ela está tranquila ou preocupada. B. queixa-se do humor explosivo da esposa, quando contrariada, bem como de seu jeito de mandar nele. Explica que, em certas ocasiões, ela dá chutes e grita. B. reconhece não ser muito organizado, mas diz que vem tentando melhorar.

A falta de comunicação de ambos resulta em mal entendidos e desencontros. Por exemplo, quando completaram nove meses de casados, N. preparou pãezinhos de queijo para esperar B., mas acabou indo dormir. O marido, ao chegar, entendeu que ela já havia comido, não a despertou e comeu sozinho os pãezinhos frios. No dia seguinte, N. acordou decepcionada porque B. não a acordou. O desencanto e a insatisfação estenderam-se por todo o final de semana, N. reagiu ignorando o marido.

As sessões de casal foram inicialmente nas terças-feiras à noite, mas uma mudança se fez necessária. A possibilidade era às sextas-feiras à noite. O casal relutou, alegando que, justamente nos fins de semana, eles se entendem melhor e se falassem de problemas na véspera, poderiam estragar estes dias.

Transcorridos os primeiros meses de terapia, surgiu um fato novo. B. pediu demissão de seu emprego e ficou aproximadamente um mês buscando alguma atividade. Os motivos de seu pedido de demissão estavam relacionados à jornada de trabalho que o obrigava a ficar muito tempo fora de casa e ao salário que não era compatível com sua expectativa. Quanto aos motivos do pedido de demissão, o casal estava de acordo. Os atritos surgiram por N. considerar que B. não procedeu do jeito que ela procederia, entendendo que ele deveria antes ter buscado outro emprego. N. mostra-se apreensiva quanto ao futuro e seguidamente manifesta seu temor de que B. não ganhe dinheiro e de que eles tenham que deixar de fazer muitas coisas, como a compra do carro no final do ano. B., no entanto, mostra-se otimista. Ele entende que terá uma oportunidade nova e aproveita para fazer ‘orientação para o trabalho’ em um grupo dirigido por uma psicóloga que trabalha com orientação vocacional. Ele inscreveu-se no vestibular, buscando um novo curso. Neste tempo, encontrou nova atividade profissional e ficou muito empolgado e já faz planos para o futuro. N., entre contente e descrente, seguidamente questiona as investidas do marido, dizendo ter muito os pés no chão, só acreditando nas coisas depois que elas acontecem, ou seja, “quando B. ganhar dinheiro”.

Volta então a questão do acordo que haviam feito no início do namoro de que só se casariam quando um deles tivesse “dado certo na vida”. Agora N. refere ter se dado conta de que não consegue ser melhor e espera que B. consiga isto pelos dois, para tanto, procura ajudar, mas é sempre mal interpretada. B. manifesta o quanto pesa para ele a obrigação de ser aquele que tem de dar certo. Ainda por cima, não consegue agir de seu jeito, sendo acusado de medíocre cada vez que não age da forma como N. entende ser a certa. Diz que “não pretende lhe dar uma procuração de sua vida, mas sim, que deseja direitos iguais”.

Quando é ventilado o assunto filhos, dizem ser muito cedo para tê-los. Conforme B., “se hoje tivéssemos um filho, nos desentendendo, enlouqueceríamos o filho” e ambos concordam que “cinco anos é um tempo bom para pensar em ter um filho”.

B. buscou orientação no SEBRAE (Serviço de Apoio às Microempresas), pensando em abrir sua própria empresa. Ele conta que lá descobriu que a

maioria das empresas vão à falência no primeiro ano de funcionamento, sendo o principal motivo para isto as pessoas trabalharem com algo que não conhecem, com o qual estão lidando pela primeira vez. B. diz então que a terapia de casal está sendo o SEBRAE deles, pois conseguiram vencer um ano “sem quebrar”.

De fato, seu casamento não faliu e chama atenção ter havido um movimento da parte deles para a comemoração dos aniversários de casamento: 10º mês, 11º mês, um ano. Dos pãezinhos de queijo frios do 9º mês, passaram para empanados de frango e chegaram ao jantar com camarões. A melhor combinação para cada data resultou em sucesso. Para o primeiro ano, coincidindo com o Dia dos Namorados, à noite foram a um *show*. B. presenteou N. com um arranjo de flores, uma *ikebana*. Segundo o casal, este arranjo foi escolhido, porque a *ikebana* é um arranjo de várias flores diferentes que, juntas, formam um conjunto harmônico, representando, para eles, este momento em que estão tentando identificar as diferenças de cada um e viver o mais harmonicamente possível, apesar e graças às diferenças.

Discussão do Caso Clínico

O casal N. e B. desde o início de seu atendimento vincular trouxe uma pista do tipo de vínculo que elegeram para si: de “eternos namorados”.

Iniciaram o namoro na data em que se comemora o Dia dos Namorados, demarcando esta condição e estendendo este namoro por quase uma década. A possibilidade de sair dele foi engessada pelo acordo de que somente casariam quando “um deles desse muito certo na vida”.

Pode-se aqui pensar num enamoramento de tipo eu ideal, como sugerem Brengio e Spivacow (1997). Nele não há projetos de dois, mas a ilusão de que um só é aquele que dará conta de tudo. Sendo este não castrado simbolicamente, perfeito, poderá atender as velhas aspirações infantis do outro.

Os momentos iniciais do namoro são marcados pela admiração de um pelo outro. Características, como o jeito mais descontraído dele se vestir e portar, a atenção dela pela organização das coisas, são vistas apenas como virtudes, fazendo parte dos dois. A negação das diferenças permite a ambos manterem a ilusão de completude.

O desejo de que B. pudesse ser o tão sonhado ‘príncipe encantado’, que daria conta de tudo, caiu por terra quando decidiram casar, utilizando os recursos que N. acumulara não para um projeto de dois, mas para um bem somente seu, o carro. Assim, romperam o primeiro acordo - de casarem quando um deles muito bem de vida - e partiram para uma vida a dois, ficando no ar uma insatisfação, em vista da ilusão que se desfizera. Neste processo, B. contraiu uma dívida com N., dívida esta que ele parece tentar zerar.

Quando N. refere que não quis casar, em sua cidade natal, vestida de noiva, pode-se pensar que sua baixa autoestima não lhe permitiu ser “o centro das atenções” e que o noivo escolhido não atendeu, conforme Stolorow e Lachmann (1983), a função essencialmente narcísica de regular sua autoestima, já que não conseguiu vencer a prova de tornar-se um sucesso e, portanto, merecer o prêmio: a noiva. A entrada como noiva, na igreja local, viria a legitimar, junto àquela sociedade e à sua família de origem, através do ritual do casamento religioso, a passagem da endogamia para a exogamia, evidenciada pela saída da casa dos pais para a formação de um novo lar.

Quando passaram a viver sob o mesmo teto, ficaram mais evidentes as diferenças que a dupla tentava anular, surgindo daí as brigas constantes. Não ocorreu com eles o que Brengio e Spivacow (1997) chamam de lógica espiral interna, com a passagem do enamoramento para o desenamoramento à diferenciação desejante. O prazer não consegue ser postergado, eles não admitem um espaço para o desencontro, para a não coincidência.

Fazem acordos impossíveis de serem cumpridos, como a promessa de B. de diminuir o ritmo de trabalho, após o casamento. Estes acordos servem para manterem a ideia de completude: B. tenta satisfazer a esposa e, desta forma, encontrar a estabilidade da relação.

Para este casal a divisão semanal em dias de semana e fins de semana demonstra a tentativa de, nos finais de semana, retornarem ao estado de enamoramento. Isto se confirmou pelo desconforto de ambos, quando a terapeuta solicitou a troca de horário das consultas para sextas-feiras à noite. Nesta transferência apareceu o descontentamento, pois, para eles, a terapeuta desorganizou o acordo que fizeram de não serem perturbados em seu estado de ilusão narcísica. Para eles, a cotidianidade é vivida não como organizadora dos encontros e não encontros, quando precisariam pactuar

acerca das diferenças. A estabilidade é sentida como tédio, estagnação, algo equivalente à morte. Por isto, N. propõe e B. concorda, maniacamente, realizarem programas e mais programas, “fazer coisas diferentes”, atividades que os tira de casa e da intimidade. Aquelas atividades que no período do enamoramento foram prazerosas, hoje são motivo de desavenças. Desta forma, contrariada pelo interesse de B. em assistir TV, N. recolhe-se e vai deitar, “não para dormir, mas para sonhar acordada”. Cria, assim, solitária, através de seus devaneios, um mundo ilusório de completude, retornando talvez ao que Grumberg (apud Dessuant, 1992) denomina o país da abundância, da idade do ouro, do paraíso perdido.

A dificuldade que N. sente de ficar sozinha evidencia a angústia de deixar de existir, quando longe da presença e do olhar do marido. B. parece ter a função de estabilizar e reforçar a representação precária do *self* da esposa, conforme salientam Stolorow e Lachmann (1983). Tal situação corrobora o que postulam Puget e Berenstein (1993), quando dizem que, nesta modalidade de vínculo, predominam as fantasias e as emoções relacionadas ao medo de ficar só, sendo todo afastamento sentido como falta de contato e inexistência. Estas ponderações dão sentido às queixas de N., de que, quando se afasta de B., “é como se algo se desligasse”.

Segundo Puget e Berenstein (1993), para tais casais a comunicação é pobre, predominam a antecipação e a adivinhação como forma de entendimento, a linguagem e os acordos tornam-se desnecessários. Assim, B. procura “imaginar” o que se passa com a esposa, observando seu comportamento, tentando adivinhar seu estado de humor, igual a uma mãe com o seu bebê, para logo tentar satisfazer suas necessidades. Mas caso não tenha sucesso, terá para si uma esposa, menina mimada, que grita e chuta coisas quando não atendida.

A comemoração do nono mês de casados resultou em fracasso e desencontro tanto pela falha na comunicação de ambos, como pela imaturidade e indisponibilidade para a intimidade. N. fez os preparativos para o encontro e anulou esta possibilidade indo dormir. B. “imaginou” que ela já comera e que não gostaria de ser acordada. Ele, solitário, comeu pãezinhos frios. Ela, insatisfeita por não ter sido despertada, tal qual a Bela Adormecida dos contos de fadas, passou todo o dia seguinte ignorando o

marido, possivelmente tentando fazê-lo padecer da mesma dor narcísica da qual ela se entendera vítima. Eles sugerem sinais de dessexualização do vínculo que, sustentado por esta relação narcísica, não tem como aceder à genitalidade.

O fato novo que surge na vida do casal, ou seja, o pedido de demissão de B., fez surgir angústias, emoções depressivas e receios quanto ao futuro. O único projeto em andamento, a compra do carro, estava ameaçado. Conforme Puget e Berenstein (1993), os projetos costumam ser limitados para estes casais, pois temem que algo a mais, diferente, possa vir a confundi-los. Os primeiros dias foram de forte angústia, pois um fato da vida real se apresentara a eles, fazendo-os se defrontarem com a realidade de não estarem mais vivendo como namorados. Precisavam assim rever, repensar, encontrar um novo jeito de lidar com a situação. O carro, inicialmente considerado como perdido, precisou ser entendido como um projeto protelado. B., no entanto, parece bem aproveitar este momento para uma reavaliação de sua vida profissional, buscando nova atividade, novas parcerias. N., assustada com as mudanças que se produzem à sua volta, tenta anular as iniciativas dele, dizendo “ser muito pé no chão”. Ela volta a denunciar a falta de organização dele e afirma que só acreditará quando as coisas acontecerem, “quando B. estiver ganhando dinheiro”. Ressurge aqui a cobrança de que precisam se dar muito bem na vida. N. delega novamente a B. que consiga isto por ela, já que se percebe “uma porcaria”. Mais uma vez as responsabilidades não são compartilhadas, ficando um único como responsável pelos dois, precisando este dar conta das falências do outro. Não há complementaridade na relação, de modo que o tão organizado de N. pudesse auxiliar o não tão organizado de B. ou que, juntos, possam aventurar-se em um novo projeto, viver a nova situação com criatividade, tornar este fato novo em fonte de crescimento e amadurecimento do vínculo. B., possivelmente mobilizado emocionalmente pelos últimos acontecimentos e mais fortalecido a partir da terapia de casal, da orientação para o trabalho, das novas parcerias, anuncia para a esposa que “não pretende lhe dar uma procuração de sua vida e que deseja direitos iguais”. Neste momento, B. parece estar anunciando para a esposa a necessidade de serem reformulados acordos e pactos antes estabelecidos.

Ambos reconhecem estar recebendo apoio no tratamento psicanalítico de casal, comparando este serviço ao SEBRAE (Serviço de Apoio as Microempresas). Na verdade, eles também representam uma empresa que passou a funcionar, sem que tivessem conhecimento prévio do trabalho psíquico envolvido neste empreendimento de formar um vínculo de aliança. Eles comemoram o fato de não terem falido no primeiro ano de funcionamento como, segundo o SEBRAE, ocorre com a maioria das empresas. Mês a mês, foram mostrando melhor possibilidade de comunicação, refletindo-se esta melhora inclusive nos festejos dos aniversários de casamento. Desta forma, puderam aproveitar juntos estes momentos, fazendo um investimento maior a cada comemoração.

Quanto aos filhos, demonstram que hoje não existe lugar para este terceiro. Retomando Puget e Berenstein (1993), pode-se pensar que, caso tivesse ocorrido uma gravidez, não teria sido resultado do desejo dos dois, mas decorrente de imposições sociais ou da necessidade narcísica de um deles ou de ambos. Este filho ficaria, de alguma forma, sujeito a ser enlouquecido pelo casal como o próprio B. reconhece. Eles projetam um filho para daqui a cinco anos, “um tempo que parece bom”, dizem. A dupla admite a necessidade de ter um tempo para sair de uma relação narcísica para algo mais complexo - complexo como Édipo - um tempo para reconhecer a alteridade, a castração simbólica, a diferença entre os sexos.

A terapia de casal, abrindo espaço ao diálogo, viabiliza, pela presença do terapeuta, a triangulação da relação. Desta forma, evidencia-se a relação narcísica da dupla, fazendo com que o casal se defronte com as diferenças que tanto tenta anular.

O presente que escolheram para brindar o primeiro ano de casados, a *ikebana*, é um arranjo floral com a presença de três tipos diferentes de flores, acomodadas de forma a que cada uma se apresente em altura diferente da outra, representando uma tríade: o sol - a lua - o homem ou o céu - a terra - o homem.

Para o casal, a *ikebana* simbolizou a presença das diferenças que, embora timidamente, começam a perceber e, sofredamente, se esforçam para aceitar, os levando a “arranjarem-se” de forma mais harmônica.

Os praticantes da *ikebana* procuram respeitar e valorizar a flor. Segundo dizem, através desta prática “tornam-se mais pacientes e tolerantes com as diferenças, não somente da natureza, mas também das pessoas”. Possa o casal, praticando o viver vincular, respeitar a natureza de cada um, reconhecendo que a vida de casal exige a presença dos dois, paradoxalmente, afastados para poderem se unir e, desta forma, produzirem algo inédito nesta relação.

Considerações Finais

Para o casal com funcionamento predominantemente narcisista, falhou a lógica espiral interna que parte do enamoramento, para o desenamoramento até a diferenciação desejante.

Instalados na condição de namorados eternos, procuraram, fundidos, manter a relação sempre igual, imobilizando o vínculo, um idealizando o outro, como se gêmeos fossem.

Pode-se pensar serem dois indivíduos que se veem fixados a determinadas fases do desenvolvimento e que, desta forma, buscam parceiros que deem conta de desejos não realizados, estabelecendo um vínculo pelo qual possam repetir e recriar, embora ilusoriamente, a homeostase narcísica vivida a partir dos primeiros momentos de suas existências. Permanecem assim narcisicamente regredidos ao paraíso perdido, procurando fazer movimentos que visem apenas manter a ilusão de completude.

Quando a relação consegue ficar apenas na idealização de um pelo outro, vivem sob o domínio de eros, enamorados. No entanto, qualquer movimento diferente do cônjuge pode ter o significado de risco para o vínculo e passam então aos domínios de tanatos, o enamoramento no negativo.

A vida em comum é marcada por muitos olhares, procurando um observar o outro, tentando decifrar o que se passa com cada um, ficando a comunicação enfraquecida e, portanto, sujeita a vários mal-entendidos.

Eles não podem renovar acordos e pactos, pois isto significaria mudanças e temem que algo novo abale o funcionamento já estabelecido.

Os projetos de vida são pobres, não havendo espaço para o terceiro. Caso o filho consiga chegar, corre o risco de se ver excluído, espectador de uma dupla fechada em seu amor ou de pais em lutas eternas, puxando o filho

de um lado para o outro, procurando tê-lo como aliado, a fim de confirmarem, um ao outro, quem está com a razão.

A vida, com seu movimento dinâmico, os coloca em situações de angústia, pois os obriga, em momentos de crise, a se depararem com a vida real e não com o conto de fadas, no qual se acomodam tão bem.

As relações com as famílias de origem possivelmente se manterão estreitas. Eles passam a frequentá-las não como marido e mulher e sim na condição de irmãos, já que não rompem com o antigo, não formam um vínculo de aliança em que o conhecido de cada um, o herdado das famílias de origem passam a se diluir, abrindo espaço para algo novo, o inédito que cabe à dupla construir.

Quando conseguem buscar o atendimento vincular, permitindo a entrada de um terapeuta de casais em suas vidas, torna-se possível criar algo novo. O terapeuta, triangulando a relação, faz emergirem as diferenças que tentam esconder, evidenciando a condição narcísica em que se encontram.

A partir daí, eles têm de realizar o trabalho psíquico de reconhecerem as diferenças e os danos causados pela tentativa de anulá-las, aceitando desenamorarem-se.

Precisam entender que a única forma de se manterem unidos é, paradoxalmente, através da distância. Parafraseando Winnicott, uma distância suficientemente boa para que o vínculo possa existir, viabilizando assim a entrada para um novo momento, no qual sobressaia a diferenciação desejante.

Assim, respeitada a subjetividade de cada um, pode o vínculo estabelecido ser ele, por si só, preventivo e terapêutico.

Referências

BRENGIO, Alba e SPIVACOW, Miguel A. Sobre el enamoramiento. In: PUGET, J. **Psicoanálisis de Pareja: del amor y sus bordes**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

DESSUANT, Pierre. **O narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 104 p.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Obras Completas** [1914]. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV, 1986. p. 420.

GANZO, Christiane. O amor: do narcisismo ao objeto sob o enfoque psicanalítico. **Revista da Sociedade de Psicologia do RS**. Porto Alegre: Palotti, 1988. p. 148.

GOMEL, Silvia. Família e inconsciente. Buenos Aires: Paidós, 1991.

PARRAL, Cristina Vidal de. **Teoria y clinica de los vinculos**. II Congresso Argentino de Psicanalisis de Família y Pareja. Buenos Aires, 2001.

PUGET, J. e BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 170.

PUGET, J. **Psicoanálise de pareja**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

STOLOROW, R. e LACHMANN, F. **Psicanálise das paradas do desenvolvimento**: teoria e tratamento. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 206.